

Jornalistas sindicais de São Paulo a partir das novas configurações do mundo do trabalho

Journalists of Labor Press from São Paulo: new configurations of the world of work

Cláudia Nonato¹
claudia.nonato@uol.com.br

Leticia Kutzke²
leticiakutzke@gmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado de uma investigação que buscou fazer uma reflexão a respeito do jornalismo sindical na atualidade. O objetivo principal foi entender como é o trabalho do jornalista sindical atuante na cidade de São Paulo e do grande ABC, a partir de um grupo de profissionais cujos sindicatos são ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), a maior central sindical do Brasil e a quinta no mundo. Entre os objetivos específicos, está o de compreender as motivações dos jornalistas sindicais para atuarem na área; identificar os regimes de trabalho aos quais se submetem e verificar quais são os processos de produção jornalística da imprensa sindical. Para isso, foram utilizados métodos empíricos quantitativos (formulário online) e qualitativos (entrevistas).

Palavras-chave: Jornalistas sindicais. Jornalismo sindical. Mundo trabalho. Sindicatos de São Paulo. Jornalistas ligados à CUT.

ABSTRACT

This paper is the result of an investigation that searched to reflect on of labor press today. The main goal was to understand the work of labor press in the city of São Paulo and in the great ABC, from a group of professionals who labor press are linked to the Central Única dos Trabalhadores (CUT), the largest union center in Brazil and the fifth in the world. Among the specific objectives, is to understand the motivations of union labor press to work in the area; to identify the work regimes to which they are submitted and to verify which are the journalistic production processes of the union press. For this, quantitative (online form) and qualitative (interviews) empirical methods were used.

Keywords: Labor press. Union labor press. World of work. Unions labor press from São Paulo. Journalists linked to the CUT.

¹ Universidade de São Paulo (USP). Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Butantã, São Paulo (SP).

² FIAM-FAAM. Av. Lins de Vasconcelos, 3406 – Vila Mariana, São Paulo (SP).

Introdução

Os sindicatos passaram ao longo da história por várias transformações na maneira de se comunicar com a classe trabalhadora. No início do século XX, a comunicação se desenvolveu por meio da imprensa operária, feita por e para operários (Carvalho, 2013). Até os anos 1990, a imprensa tinha como principal ferramenta o jornal, depois os sindicatos começaram a fazer uso de outros dispositivos como o rádio, vídeos, televisão, revistas, entre outros veículos. Nos anos 2000, com o avanço da internet, passaram a utilizar as redes para se comunicar com seu público, criando perfis nas redes sociais, sites e boletins eletrônicos.

Diante dessas mudanças, os sindicatos também passaram a criar seus departamentos de comunicação, e a profissionalização se tornou algo indispensável para que essas entidades pudessem se comunicar de forma mais assertiva com os trabalhadores. Tais transformações abriram um novo campo de atuação para os jornalistas, que levaram as técnicas das redações dos jornais da grande mídia para dentro dos departamentos de comunicação e passaram a atuar de maneira mais generalista, em relação às outras formas de comunicação. Resta saber se os dirigentes estão cientes da importância desses profissionais, e em quais condições os jornalistas estão trabalhando. Com esses apontamentos e aspectos, apresenta-se a seguinte problemática: como o jornalista sindical se apresenta na atualidade?

A partir dessa questão, objetiva-se entender como é o jornalista sindical atuante na cidade de São Paulo e do grande ABC, ligado à Central Única dos Trabalhadores – CUT que, segundo a própria entidade, é a maior central sindical do Brasil e a quinta no mundo. No Estado de São Paulo, a entidade possui mais de trezentas filiadas, sendo cinquenta na cidade de São Paulo e vinte no Grande ABC. Além disso, o artigo busca compreender as motivações dos jornalistas sindicais para atuar na área; identificar os regimes de trabalho aos quais se submetem estes profissionais; além de verificar como são os processos de produção jornalística da imprensa sindical.

Araújo (2009) destaca a importância de uma investigação científica do perfil do jornalista sindical, apontando a existência de um fazer jornalístico nessas entidades que atendam especificidades que fogem à prática jornalística dos meios de comunicação da chamada grande

mídia; ou, como o autor denominou em sua pesquisa, de “jornalismo de referência”. Tal fato demonstra a importância desses profissionais e seu trabalho para a comunicação dos sindicatos com a categoria que representam.

As transformações e crises pelas quais o mundo trabalho atravessa nos últimos anos atingem profundamente a mídia em geral e, conseqüentemente, o jornalismo sindical. A precarização e as condições de trabalho cada vez mais flexibilizadas, além da crise econômica, trouxeram um crescimento contínuo e global dos negócios independentes e do empreendedorismo. Deuze e Witschge (2015, p. 19) afirmam que “a noção de indivíduo empreendedor no contexto de uma economia em transformação não é um conceito novo para as indústrias criativas; além disso, alguns autores têm argumentado que estamos vivendo atualmente na sociedade empresarial”.

A aprovação da reforma trabalhista ocorreu no final de 2017³, e ainda é cedo para identificarmos se houve uma interferência nos processos de produção jornalística dos departamentos de comunicação sindical, bem como trabalho dos jornalistas atuantes. Para entender a perspectiva dos jornalistas sindicais em relação à realidade do mundo do trabalho, essa pesquisa se torna relevante por ter sido feita em um momento de transição. A mudança na legislação trabalhista, que acabou com a obrigatoriedade do imposto sindical, está causando o fechamento de entidades sindicais e mudanças na forma de contratação e manutenção dos jornalistas nos departamentos de comunicação dos sindicatos, fato que evidencia a necessidade de aprofundamento nos estudos por parte dos pesquisadores do campo da Comunicação. Diante disso, torna-se relevante fazer um breve histórico sobre os impactos das transformações no mundo do trabalho para o jornalista, para depois tratar do tipo de comunicação que é produzida na imprensa sindical e do papel do jornalista neste cenário. Por fim, apresentamos a metodologia e os resultados da pesquisa empírica e das entrevistas.

As mudanças no mundo do trabalho e o impacto para os jornalistas

Há décadas o jornalismo está passando por diversas transformações, principalmente com a proliferação

³ A reforma trabalhista (Lei 13.467, de 2017) mudou as regras relativas à remuneração, plano de carreira e jornada de trabalho, entre outras.

das novas tecnologias e da internet. São mudanças que afetam desde a estrutura do jornalismo até a produção de notícias: “as mídias tradicionais sofrem com a redução do número de leitores, pela falta de credibilidade e pela migração da publicidade para a web” (Pereira; Adghirni, 2011, p. 40). Para os autores, uma das mudanças que mais afeta a produção das notícias é o tempo. O jornalismo sempre foi marcado ao longo de sua história pelo tempo, mas com o desenvolvimento das tecnologias digitais, o tempo foi acelerado, principalmente nos últimos vinte anos. As tecnologias digitais alteram o ciclo de produção, circulação e consumo da notícia. Assim, os grandes jornais, antes só impressos, começam a disponibilizar informações produzidas constantemente, aumentando a pressão sobre os jornalistas, que precisam produzir mais conteúdo ao mesmo tempo que são cobrados para que as informações sejam bem apuradas.

Outra mudança que afeta o trabalho jornalístico apresentada pelos autores é a convergência, em que redações online e as redações tradicionais se fundem em uma só, ampliando assim as atribuições do jornalista que precisa pensar a notícia para a internet e para os demais veículos da empresa para a qual trabalha, se tornando um multimídia com sobrecarga de trabalho. Com as novas tecnologias, os jornalistas também deixam de ir para a rua, apuram as informações sem sair das redações.

Ao se tornarem organizações multimídia, as empresas de comunicação exigem jornalistas com habilidades técnicas e domínio dessas novas tecnologias de comunicação e informação, mudanças essas que fazem com que haja uma alteração no perfil dos profissionais (Fonseca, 2006). Além das habilidades técnicas, estes profissionais ainda precisam dominar a linguagem própria de cada meio (jornal, televisão, rádio, internet) para que possa produzir conteúdos compartilháveis entre todos estes meios. Segundo a autora, essas e outras mudanças são sentidas pelos jornalistas, que sofrem com a precarização das condições de trabalho, já que há uma redução nos postos de trabalho em redações tradicionais e um aumento da carga horária de trabalho. Além disso, há uma proliferação dos empregos informais, como os freelancers e contratados como pessoa jurídica.

Para Roseli Fígaro e Cláudia Nonato, “vinte anos depois da implantação dos computadores e da internet nas redações brasileiras” (2017, p. 48), o perfil dos jornalistas deste início de século XXI mudou. Segundo dados da pesquisa sobre o perfil dos jornalistas de São Paulo, feita entre 2009 e 2012 pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, da Escola de Comunicações e

Artes da Universidade de São Paulo (CPCT-ECA/USP), os jornalistas são jovens, a maioria do sexo feminino, da etnia branca, classe média, sem filhos, com curso superior e pós-graduação. Segundo a pesquisa, estes jornalistas estão longe das redações dos grandes jornais, trabalhando em assessorias de comunicação e de imprensa, e ingressaram na profissão nos últimos quinze anos.

O jornalista experiente já não existe mais na redação, são trocados por jornalistas jovens (Fígaro, Nonato, 2017; Mick, 2015), uma estratégia adotada pelas empresas de comunicação para baratear custos, reduzir atritos e questionamentos ideológicos, éticos e trabalhistas. Além disso é pautada pelo imediatismo, pelos *clicks* e *likes* dos leitores. O jornalismo online, os blogs e as ferramentas das redes sociais permitem inovações nas rotinas profissionais que são incorporadas e adotadas como alternativas pelos jornalistas, que também usam as redes sociais como ferramenta de trabalho, para buscar fontes, informações de pessoas, famosos e celebridades.

Na busca por viabilizar o seu trabalho, os jornalistas buscam novos *arranjos econômicos alternativos* (Fígaro; Nonato, 2017). Embora também sejam precários, esses arranjos profissionais são encarados como possibilidade de mudanças nas rotinas produtivas e incorporados como alternativos as formas de trabalho jornalístico tradicional. Nessa busca, os jornalistas reencontraram o jornalismo alternativo, que também se tornou uma importante saída para os profissionais que não encontram mais espaço nas redações da chamada mídia tradicional.

Estes jornalistas se apropriaram das tecnologias digitais da comunicação e passaram a atuar em coletivos, para manterem sua autonomia em um modelo de jornalismo que se difere dos grandes grupos de mídia, além de produzirem conteúdo de forma colaborativa. “Nos últimos anos, os jornalistas brasileiros lançaram dezenas de sites independentes, tanto com fins lucrativos como sem fins lucrativos. Estes sites apresentam propostas totalmente focadas no jornalismo independente” (Fígaro; Nonato, 2017, p. 56). Segundo as autoras, estes coletivos ainda possuem como pauta, temas que não são tratados pelas empresas tradicionais de comunicação. Por outro lado, precisam muitas vezes de financiamentos coletivos para se sustentar, já que em muitos não possuem anunciantes ou outro tipo de sustentabilidade (Assis, Camasão, Silva, Christofoleti, 2017). Esse tipo de jornalismo é também considerado, segundo os autores, como alternativo, por ser associado a uma postura de ativismo de oposição ao sistema capitalista, mas sem ser necessariamente uma atividade anticapitalista, antiempresarial ou anti-industrial

(idem, 2017). Para Carvalho e Bronosky (2017), esse tipo de jornalismo muitas vezes reproduz aspectos do jornalismo convencional, mesmo que tenha concepções ideológicas distintas as da mídia hegemônica.

A pesquisadora Cicília Peruzzo (2009) considera que o jornalismo sindical também pode ser considerado alternativo; para ela, o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato de representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem. Para a autora, o jornalismo sindical tem esse papel, já que as entidades sempre estiveram ao lado dos trabalhadores e sempre levaram informações de interesse da classe trabalhadora, que não são abordadas pela mídia tradicional.

A atuação do jornalista e da imprensa sindical

Para Vito Giannotti, um dos pioneiros em atuar e escrever sobre jornalismo sindical no Brasil, “falar de jornalismo sindical é falar em jornalismo especializado, jornalismo dirigido a um público bem definido” (1998, p. 10), ou seja, o profissional que atua nessa área deve ter consciência do seu papel e da sua atuação junto ao público.

Em sua pesquisa de doutorado, Vladimir Caleffi Araújo (2009) investigou o perfil do jornalista sindical e as suas condições de trabalho, utilizando como *corpus* de pesquisa jornalistas sindicais do Brasil e da França. Entre os resultados da investigação, o pesquisador demonstrou que os jornalistas sindicais são em sua maioria do sexo masculino, têm entre 25 e 35 anos de idade, e já trabalhou na mídia comercial, sendo que uma pequena parcela iniciou sua carreira profissional no meio sindical. Além disso, a maior parte do grupo possuía diploma de jornalista e vinha de camadas mais favorecidas da sociedade. Ainda segundo a pesquisa, em relação às condições de trabalho, estes profissionais encontram inúmeras dificuldades, pois como eles não têm contato com a categoria que a entidade sindical representa, no momento de escrever o texto precisam atingir uma média do nível intelectual dos leitores da imprensa sindical para melhor atingi-los, pois cada um terá um tipo de leitura. Por isso, muitas entidades já trabalham com comunicação específica para falar com cada categoria dentro do sindicato.

A fonte e sua checagem, fatores tão importantes no jornalismo, são pontos frágeis no trabalho do jornalista sindical (Araújo, 2009; Vieira, 1996). As fontes normalmente são informadas pelos dirigentes sindicais, indicadas pela direção, e essa prática leva os jornalistas a acredita-

rem que são sempre fontes verdadeiras, sem necessidade de checar as informações. Em relação às rotinas de trabalho, Araújo (2009) afirma que os jornalistas sindicais não costumam sair da redação, e seu trabalho geralmente é feito por telefone. Por conta disso, outro aspecto que se destaca é a falta de reportagens investigativas nas publicações sindicais. Desse modo, a informação chega até o jornalista por meio dos dirigentes, fato que se assemelha muito ao que era feito na imprensa operária no final do século XIX e começo do século XX, quando “não existia a figura do repórter, do profissional da notícia. Ao invés de o jornal procurar a notícia, essa é que procurava o jornal” (Ferreira, 1988, p. 22). Hoje a informação ainda parte dos trabalhadores representados ou da direção sindical, com a diferença de que há jornalistas nos seus departamentos de comunicação para adequar as informações aos moldes jornalísticos.

A pesquisa de Vladimir Caleffi Araújo (2009) mostra ainda que geralmente o jornalista sindical não se sente valorizado pela direção da entidade e, por conta disso, muitos destes profissionais realizam seu trabalho de forma mecânica e sem grandes preocupações com a qualidade. Não há espaço para furos ou para uma grande reportagem investigativa. As estruturas de trabalho são variáveis: existem sindicatos com grandes redações e outros com redações precárias, sendo que - dos jornalistas entrevistados por ele para a pesquisa - as reclamações mais recorrentes eram em relação às instalações da imprensa dentro dos sindicatos, que em nada se parecem com redações. Além do fato de que há pouco profissionais atuando, os jornalistas entrevistados na pesquisa também reclamaram que são vistos dentro das entidades sindicais como profissionais de segunda categoria, tendo menos prestígio e investimentos que o departamento jurídico da entidade.

Estes profissionais são polivalentes e desempenham várias funções dentro dos sindicatos, como jornalista de redação e assessor de imprensa. Para o autor, a imprensa sindical é também uma boa oportunidade para jovens recém-formados que encontram restrições no mercado de trabalho para aprender a função, uma vez que o jornalista sindical é obrigado a se envolver em todo o processo de construção de uma informação no meio sindical.

Além dessas questões, muitos jornalistas do meio sindical são contratados por ter afinidade ideológica com a instituição. Vieira (1996) relata que são avaliados não pelo seu desempenho teórico-prático, mas de acordo com o nível de identificação política que mantém com

a diretoria. Para o autor, essa não é uma regra, mas “no movimento sindical, a força de trabalho é comprada junto com o comprometimento ideológico, apesar do mesmo processo ocorrer (só que em menor grau) nos veículos comerciais” (p. 71).

Em relação às diferenças apresentadas entre o jornalismo sindical e o jornalismo dito comercial, Guilherme Carvalho (2013) considera que o jornalismo sindical não busca vender a notícia, mas sim a propagação de ideias e informações. Além disso, para ele, as empresas de comunicação possuem um proprietário ou um grupo de acionistas e, no jornalismo sindical, há um presidente ou secretário de comunicação responsável pelas atividades deste departamento. Para Araújo (2009), o jornalismo sindical tem emergido e se consolidado à margem do jornalismo profissional, tendo como uma das suas principais características o fato de ser uma prática socialmente engajada, que informa e exerce seu papel como militante, onde expõe e defende seu posicionamento político.

A imprensa sindical não comercializa a notícia e tem como objetivo a propagação de ideias e formação política (Ribeiro; Oliveira, 2015). Além disso, não necessita vender espaços publicitários para se sustentar, pois é mantida pela entidade e categoria a qual pertence. A imprensa sindical tem um papel contra hegemônico, pois além da defesa corporativa da entidade sindical, também traz temas de interesse público, além de reivindicações dos trabalhadores e da sociedade que não são divulgados pela grande mídia, ou tratados como deveria.

Os caminhos metodológicos utilizados na pesquisa empírica

Após a definição do objeto, buscamos mapear nos sindicatos localizados na cidade de São Paulo e do Grande ABC, os jornalistas que atuam em seus departamentos de comunicação e as práticas jornalísticas destes profissionais, para assim compreender o trabalho desenvolvido pelos mesmos e buscar entender quem são estes jornalistas e suas novas configurações de trabalho.

A escolha regional se deu por conta da pesquisa realizada pelo IPEA⁴ em 2016, que mostrou que a região

Sudeste é a que concentra o maior número de entidades sindicais (33,1%) no país. Outro levantamento, feito pelo IBGE⁵ em 2001, também apontou a região Sudeste com o maior número de sindicatos, sendo um total de 5.213 e, deste total, 2.255 estão situados no Estado de São Paulo.

Diante disso, buscamos junto às duas principais centrais sindicais do Brasil localizadas em São Paulo, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Força Sindical, informações sobre as entidades filiadas e seus departamentos de comunicação. Entramos em contato com a diretora responsável pelo departamento de comunicação da CUT no Estado de São Paulo, Adriana Oliveira Magalhães, para verificar se a Central teria algum mapeamento dos sindicatos da cidade. A diretora respondeu que a CUT estava, naquele mesmo momento, realizando uma pesquisa junto aos sindicatos para levantar essa informação, mas que ainda não havia sido finalizada. O departamento de comunicação da Força Sindical informou por e-mail que não tinha este levantamento, e nos negou a possibilidade de envio de uma lista das entidades da cidade de São Paulo integrantes da central.

A alternativa para conseguir dar início ao levantamento foi pedir ajuda em um grupo de *WhatsApp*, que se intitula “Rede Comunicadorxs CUT-SP”, integrado por diversos jornalistas e diretores de entidades sindicais do Estado de São Paulo, filiadas à CUT. Com a ajuda deste recurso, chegamos à jornalistas da CUT, considerada a maior central sindical do Brasil e com um número expressivo de entidades filiadas a ela no Estado⁶.

Em contato com o grupo, perguntamos aos participantes se havia um departamento de comunicação no sindicato do qual faziam parte e, em caso positivo, se havia um jornalista atuando nele. Como método, separamos no grupo os telefones com DDD 11 (de São Paulo) e enviamos, via *WhatsApp*, mensagens para estas pessoas - um total de 65. Destas, 23 pessoas responderam, número que reunia dezoito sindicatos, duas Confederações, duas Federações e uma empresa que presta serviços para alguns sindicatos, tanto na cidade de São Paulo, como no grande ABC, delimitando assim um recorte regional. Nestas instituições, em relação aos jornalistas que desempenham a comunicação dentro da entidade sindical, Federação e Confederação, encontramos 27 jornalistas contratados no

⁴ Pesquisa Sindicatos no Brasil: o que esperar no futuro próximo?, realizada em 2016 por André Gambier Campos para o IPEA.

⁵ Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9092-pesquisa-sindical.html?=&t=resultados> Acesso em 27 de Jan de 2020.

⁶ Segundo o site da entidade, são 3.806 entidades filiadas, 7.847.077 trabalhadoras e trabalhadores associados e 23.981.044 trabalhadoras e trabalhadores na base.

regime celetista, cinco que são prestadores de serviço, um que recebe por Recibo de Pagamento a Autônomo (RPA), um freelancer e duas empresas que prestam serviços para algumas destas entidades, o que demonstra que o regime celetista ainda predomina para os jornalistas do meio sindical.

Com o levantamento realizado, enviamos novamente mensagem pelo *WhatsApp* para as pessoas que haviam respondido da primeira vez, como também para as que não haviam respondido, perguntando se responderiam um questionário e, se caso aceitassem, que nos enviasse o e-mail. Assim enviamos mensagem para 41 números de telefone e obtivemos o total de 28 e-mails de retorno. Em seguida enviamos um questionário para entender um pouco sobre como são esses profissionais, a partir da cor, raça, sexo, idade, escolaridade, renda, entre outras perguntas. Ao final havia uma questão que perguntava se eles aceitariam participar da segunda fase da pesquisa, se caso aceitassem, era para deixar um e-mail para contato. Dos quatorze respondentes apenas dois não aceitaram participar da segunda fase.

Desse modo, selecionamos uma amostra com sete perfis (com diversidade de gênero, idade e raça) para a realização das entrevistas, e assim conseguimos entender o jornalista sindical, suas rotinas, as motivações, identificar o regime de trabalho aos quais se submetem estes profissionais e analisar como são os processos de produção jornalística da imprensa sindical, em comparação aos processos da grande mídia e, assim, apresentar uma representação destes profissionais.

Amostra dos jornalistas sindicais que responderam ao formulário online

Para conhecer a amostra dos jornalistas que responderam à pesquisa, atuantes em entidades sindicais, seja em sindicatos, confederações ou federações da cidade de São Paulo e do grande ABC, fizemos uma coleta a partir de um questionário online para 23 jornalistas que se propuseram a participar. Do grupo inicial, 15 jornalistas responderam às nossas questões. Os resultados nos ajudaram a formular as questões para a fase qualitativa.

Os resultados nos mostraram que há um equilíbrio

entre homens e mulheres, pois obtivemos um número aproximado de respondentes, sete homens e oito mulheres.

Em relação à etnia, 87% dos jornalistas declararam ser da cor branca, 6% da cor parda e 7% da cor preta. Esses números reproduzem os valores encontrados em pesquisas acadêmicas feitas em parceria com a FENAJ⁷, por exemplo.

Ao analisarmos a idade dos jornalistas sindicais do grupo, percebemos que não há predomínio de uma faixa etária, pois dos quinze jornalistas que responderam, 34% possuem entre 26 e 35 anos, 33% entre 36 e 46 anos e 33% mais de 46 anos. Em relação ao estado civil, 40% dos jornalistas são casados e 40% solteiros; os demais se dividem entre divorciados (7%) e outro (13%).

Ao perguntarmos a escolaridade dos jornalistas, 64% afirmaram possuir graduação e 36% possuem pós-graduação. Tal resultado demonstra que mesmo sem a obrigatoriedade do diploma para exercer o jornalismo, todos possuem nível superior. O tempo em que esses jornalistas atuam na área varia entre 1 e 5 anos para 13%, e entre 6 e 10 anos de experiência para 27%; a maioria, ou seja, 60%, atua com jornalismo sindical há mais de dez anos.

As entidades sindicais das quais os jornalistas que responderam ao questionário são vinculados estão distribuídas entre capital e grande São Paulo; 46% na região do ABC; 27% no centro da cidade de São Paulo, 13% na região Leste, 7% na Oeste e 7% na Zona Sul.

A CLT é o sistema de contratação da maioria destes jornalistas (53%); 27% são PJ (pessoa jurídica), 6% atuam como freelancers; 7% como RPA (registro de pagamento autônomo) e 7% denominaram seu vínculo empregatício como “outro”. Sobre a renda mensal dos jornalistas, 27% declarou receber entre 1 e 3 salários mínimos (R\$1.039,00 a R\$ 3.117,00), 67% declarou ganhar entre 3,1 até 6 salários mínimos por mês (R\$ 3.117,01 até R\$6.234,00) e 6% declarou ganhar entre 6,1 até 9 salários mínimos (R\$6.234,01 até R\$ 9.351,00).

Para 93% dos respondentes, o trabalho como jornalista sindical é a principal fonte de renda; 73% dos jornalistas declararam não ter relação com movimentos sociais e/ou partidos políticos. Tal resultado vai de encontro à afirmação de Toni Vieira (1996, p. 71), para quem “no movimento sindical, a força de trabalho é comprada junto com o comprometimento ideológico, apesar do mesmo processo ocorrer (só que em menor grau) nos veículos co-

⁷ Pesquisa “Quem é o Jornalista Brasileiro”, disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/pesquisa-perfil-jornalista-brasileiro.pdf> Acesso em 02 de abril de 2020.

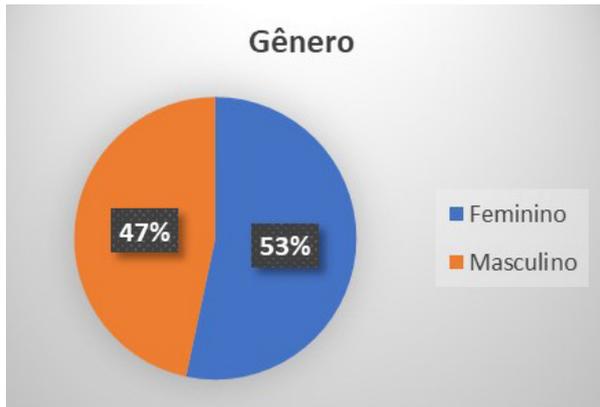


Gráfico 1. Gênero dos jornalistas.

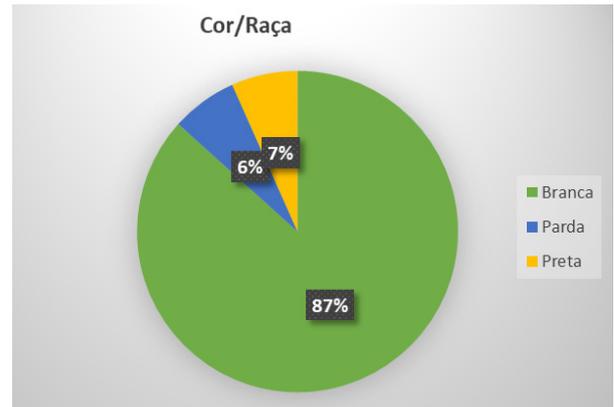


Gráfico 2. Cor/raça.

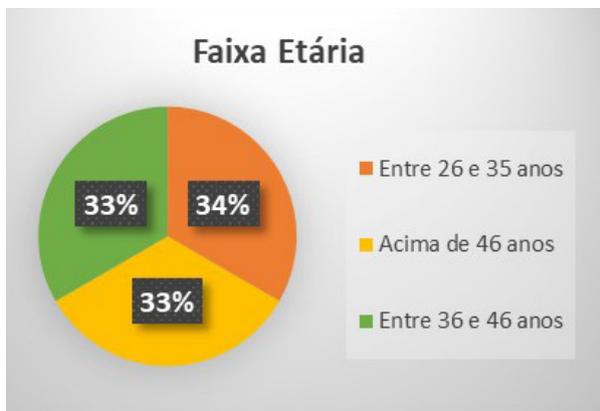


Gráfico 3. Faixa Etária.

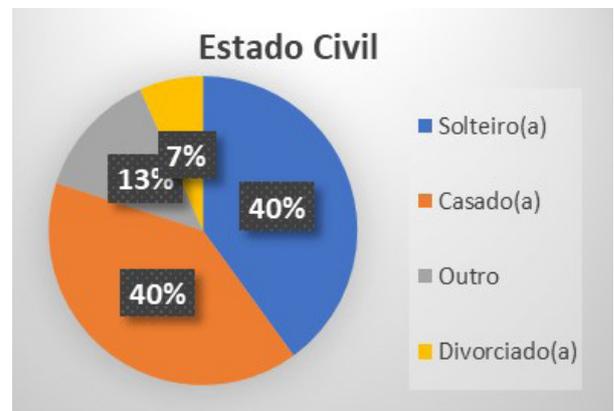


Gráfico 4. Estado civil dos jornalistas.

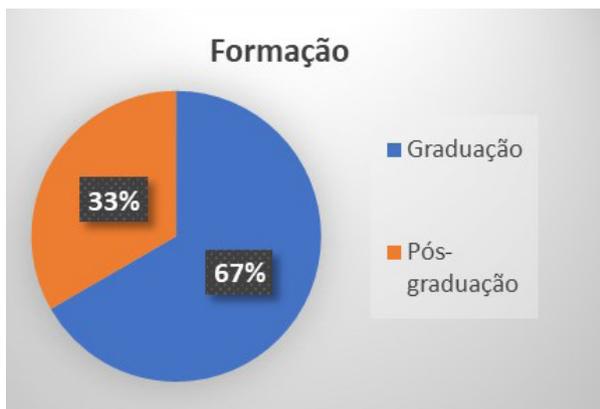


Gráfico 5. Escolaridade dos jornalistas.



Gráfico 6. Tempo de atuação.

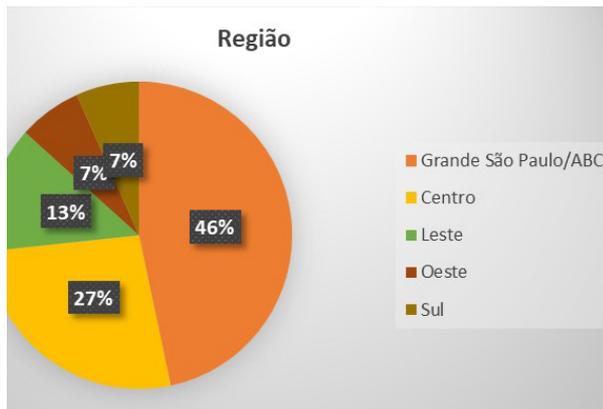


Gráfico 7. Localização da entidade sindical.



Gráfico 8. Vínculo empregatício dos jornalistas.

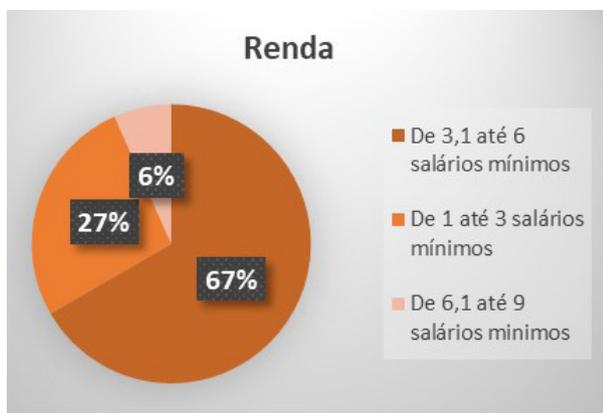


Gráfico 9. Renda mensal.

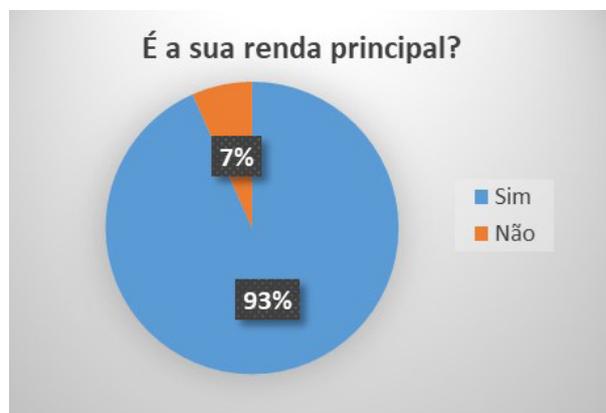


Gráfico 10. Renda dos jornalistas.



Gráfico 11. Participação em movimentos.



Gráfico 12. Horas de trabalho diário.



Gráfico 13. Opção pelo trabalho sindical.



Gráfico 14. Tipo de jornalismo produzido pelos jornalistas sindicais.

merciais”. Ou seja, parece que essa é uma mudança entre os jornalistas sindicais, que já não são majoritariamente ligados a questões ideológicas.

Ao serem questionados sobre quantas horas trabalham por dia, 54% dos jornalistas afirmaram trabalhar até oito horas; 33% até cinco horas por dia e 13% mais de oito horas por dia. Se pudessem escolher, 60% dos pesquisados responderam que trabalhariam com jornalismo sindical; 33% não trabalhariam e 7% não souberam responder.

Outra mudança que se destaca é em relação ao tipo de jornalismo que o jornalista sindical considera produzir. A maioria (40%) afirmou produzir assessoria de comunicação, 27% considera que produz jornalismo informativo, 20% jornalismo alternativo, 6% assessoria de imprensa e 7% considera que produz todas as opções fornecidas: assessoria de comunicação, jornalismo informativo, jornalismo alternativo e assessoria de imprensa. Ou seja, o imaginário de produzir uma mídia alternativa, contra hegemônica e combativa no meio sindical se contradiz com o dia a dia da prática e das rotinas produtivas.

A partir desses resultados, que contribuíram para que tivéssemos um panorama geral dos jornalistas sindicais, definimos as perguntas para a pesquisa qualitativa. As entrevistas, semiestruturadas a partir de um roteiro pré-estabelecido, foram realizadas entre dezembro de 2018 e fevereiro de 2019 com sete jornalistas de variadas entidades, sindicatos, federações e confederações, de diversas regiões da cidade de São Paulo e do grande ABC. Trata-se de uma amostragem do grupo que respondeu ao questionário online. Para Gil (2008, p. 109), a entrevista é uma forma de interação social “...é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes

busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. Cremilda Medina vai além e afirma que a entrevista pode também “servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (1995, p.8). Diante disso, apresentamos a seguir o discurso dos jornalistas. Para manter o anonimato dos entrevistados, serão utilizados pseudônimos.

O discurso dos jornalistas sindicais entrevistados

Dos sete jornalistas (três mulheres e quatro homens) que participaram da pesquisa qualitativa, cinco deles estão na faixa etária dos 30 anos de idade, sendo que dois têm 31 anos (Carlos e Cristiano), uma de 33 (Bruna), um 38 (João) e um 39 anos (Pedro). Dois respondentes estavam na faixa etária de 50 e 60 anos, sendo um com 56 (Flávio) e outro com 65 anos (Joana). Em relação às universidades cursadas pelos jornalistas, a maioria estudou em particulares: três na Universidade Metodista de São Paulo, um na FAPCOM, um na Universidade Mogi das Cruzes, um na Universidade de Santo Amaro e um na Universidade Estadual de São Caetano.

Quanto à motivação de haver escolhido o jornalismo como profissão, as respostas foram bem variadas: dois dos entrevistados afirmaram que era porque gostavam de ler e escrever. Um cursou jornalismo por não conhecer a área das Ciências Sociais. O outro tinha o sonho de seguir a carreira artística, mas também queria ter um diploma acadêmico. Outro escolheu jornalismo, por ter crescido ouvindo o pai falar que queria ser jornalista e porque

com o tempo se identificou com a área de comunicação. Uma das jornalistas escolheu jornalismo por influência do namorado da época. E o último escolheu o jornalismo porque queria aprender a pensar.

Três dos jornalistas entrevistados estão atuando no mercado de trabalho há mais de uma década. Joana é formada em jornalismo há mais de 40 anos, Flávio há 30 anos, Pedro há 19 anos; os demais possuem entre oito e dez anos de formação em jornalismo. Dos sete jornalistas, quatro iniciaram a carreira na mídia tradicional, um começou como assistente em uma empresa de comunicação empresarial; o segundo iniciou a carreira na mídia independente e outro teve toda a sua trajetória profissional no jornalismo sindical.

Ao perguntar aos jornalistas como e porque começaram a trabalhar com jornalismo sindical, cinco responderam que optaram por trabalhar nesta área pela identificação ideológica:

Houve esse envolvimento e obviamente uma identificação, uma empatia, aquela coisa da juventude, de lutar pelos seus direitos, da luta, da briga, enfim. Houve já essa identificação ideológica, digamos assim que eu nem sabia na época muito bem o que era isso. Mas que daí começou a formar a minha opção, não só profissional, mas foi pessoal, opção de vida mesmo. (Carlos, informação verbal⁸)

Tinha uma identificação ideológica também, né? Então, ao mesmo tempo que eu fui trabalhar numa TV de esquerda na verdade, que foi a TVT, na minha primeira experiência assim, era uma mídia mais aproximada do movimento sindical, eu era militante, movimento-social organizado, movimento de juventude. E aí essa questão ideológica contou muito pra eu não ir pro mercado formal assim, pro mercado mais tradicional da comunicação. (Cristiano, informação verbal⁹)

As duas falas anteriores, de jornalistas já veteranas na área, sinalizam uma relação ideológica com o jornalismo sindical, posicionamento contrário ao resultado da pesquisa quantitativa: desse grupo, 73% afirmou não ter relação com partidos políticos ou movimentos sociais. Essa contradição demonstra que há, talvez, uma mudança no perfil dos jor-

nalistas sindicais mais jovens, sobretudo com a introdução das assessorias de comunicação nas entidades.

Em relação às rotinas de trabalho dos jornalistas entrevistados, seis trabalham sozinhos, sem equipes; um trabalha em um departamento de comunicação com mais colegas. Duas das jornalistas trabalham em regime de *home office*, sendo que uma delas vai ao menos duas vezes por semana para o sindicato, ou quando necessário, e os demais trabalham presencialmente todos os dias.

Eu chego mais ou menos umas 10:30 horas lá e faço aquela ronda pra subir pro site, uma ronda pelos sites alternativos, pra ver o que que eu subo, o que que eu não subo e tal. Também respondo a demandas, algumas demandas da direção quando precisa [...] (Carlos, informação verbal¹⁰)

A polivalência está presente nas falas de quase todos os entrevistados, que trabalham sozinhos ou em equipes pequenas e precisam passar por quase todas as etapas de uma redação, da pauta à diagramação, em alguns casos. Na fala anterior, é possível perceber que, além das rotinas tradicionais, foram incorporadas às demandas do dia a dia as atribuições do jornalismo digital, como a redação e postagem nos sites das entidades.

Em relação ao regime de contratação destes profissionais pelas entidades sindicais, três estão na CLT, com carteira assinada. Um jornalista era CLT, mas foi demitido. Dois jornalistas eram CLT mas, com a reforma trabalhista, foram demitidos e recontratados como PJ (Pessoa Jurídica), uma demonstração da mudança provocada pela reforma trabalhista de 2017. Apenas um dos jornalistas é contratado no regime RPA (Recibo de Pagamento a Autônomo).

Por exemplo, na Federação rolou um corte de pelo menos metade do quadro de funcionários. E aí você entender que a direção acha positivo manter a comunicação ali, que eles poderiam cortar, que a gente sabe que muitas vezes a comunicação é colocada de escanteio. Eu acho que ali tem até um avanço, mas eu não concordo, não gostaria, queria ser CLT bem bonitinha e agora não rola. (Cristiano, informação verbal¹¹)

⁸ Entrevista I - concedida ao autor em janeiro de 2019.

⁹ Entrevista II - concedida ao autor em fevereiro de 2019.

¹⁰ Entrevista I concedida ao autor em janeiro de 2019.

¹¹ Entrevista II concedida ao autor em fevereiro de 2019

A declaração é de uma jornalista que era contratada no regime CLT e tinha todos os seus direitos garantidos, mas hoje trabalha como PJ (pessoa jurídica) na mesma instituição. A reforma trabalhista de 2017 trouxe transformações e cortes na estrutura sindical; mas, apesar de demonstrar insatisfação com a mudança, a jornalista diz compreender e até sentir que a comunicação é valorizada pela entidade, por mantê-la. Na verdade, nesses casos não há escolha: é aceitar ou perder o emprego.

Quase todos os jornalistas afirmaram que uma das maiores dificuldades no dia a dia do trabalho está na relação com o dirigente sindical, que interfere muito na comunicação.

Eu acho que o principal é a falta de compreensão por parte do dirigente. O dirigente não tem ainda -falo por mim, embora não seja aquele caso escabroso de grandes vaidade-, mas de um modo geral o dirigente não tem compreensão do trabalho do jornalista, ele acha que por exemplo, para fechar um jornal, você precisa de duas horas e você fecha um jornal. (Joana, informação verbal¹²)

Às vezes vejo a dificuldade de o dirigente querer uma pauta específica e não saber passar, ou o jornalista não saber entender por que desconhece o dia a dia bancário. (Pedro, informação verbal¹³)

Eu acho que uma das primeiras dificuldades é fazer com que o dirigente entenda a importância da comunicação. Tentar implementar um processo profissional, dentro do espaço de trabalho [...]. (Pedro, informação verbal¹⁴)

Além disso, um dos jornalistas apontou como dificuldade a falta de retorno das fontes da área sindical para elaboração das matérias, outro apontou a vaidade dos dirigentes em relação às fotos como uma dificuldade. Dois jornalistas disseram que falta estrutura para trabalhar e um jornalista apontou a falta de recursos para a realização do trabalho. Mas as principais críticas estão na relação com os dirigentes sindicais, que normalmente são também as fontes dos jornalistas.

Ao perguntarmos sobre a percepção que os jorna-

listas tinham sobre jornalismo e jornalismo sindical, cinco dos sete jornalistas entrevistados demonstraram ter negativa, tanto do jornalismo, quanto do jornalismo sindical. Em relação ao jornalismo, quatro jornalistas acreditam que as redes estão prejudicando o fazer jornalístico.

Porque, assim eu acho que principalmente nos últimos tempos, com essa coisa de rede social, o jornalismo de um modo geral caiu. A qualidade caiu, assim, despencou de um precipício que acho que não tem mais volta. Eu sou do tempo que não existia nem computador gente. Sabe? Eu acompanhei toda essa mudança. Então o jornalismo investigativo não existe mais. (Joana, informação verbal¹⁵)

O entrevistado da fala anterior considera que, com todas as mudanças dos últimos tempos, a qualidade do jornalismo está muito ruim, principalmente pela ausência do jornalismo investigativo. Outro afirmou que o jornalismo faz disputa com o jornalismo sindical. Somente um entrevistado apresentou uma concepção menos crítica sobre os dois tipos de jornalismo.

Em relação ao entendimento do que é jornalismo sindical, cada um dos sete jornalistas apresentou uma concepção diferente. Um considera que o cenário tem piorado e que a comunicação para as entidades sindicais está em segundo plano. Para outro jornalista, a imprensa sindical ainda está muito atrasada e precisa se modernizar. Outro diz que ela precária e, para um último, a imprensa sindical ainda tem o papel de conscientização.

Os jornalistas também responderam sobre os pontos positivos e negativos da comunicação produzida pela imprensa sindical. Quatro jornalistas apresentaram como ponto positivo o fato de a comunicação sindical ser um importante instrumento para dialogar com os trabalhadores, para conscientizá-los e organizá-los. Um jornalista afirmou que o ponto positivo é o contraponto da imprensa sindical. Outro que se o jornalista tiver paixão, acreditar no que está fazendo, ele sente que está fazendo a coisa certa. Um jornalista também diz que a comunicação sindical permite que se tenha mais liberdade e estabilidade financeira.

Em relação aos pontos negativos, cinco jorna-

¹² Entrevista III concedida ao autor em janeiro de 2019

¹³ Entrevista IV concedida ao autor em janeiro de 2019.

¹⁴ Entrevista IV, concedida ao autor em fevereiro de 2019

¹⁵ Entrevista III concedida em janeiro de 2019

tas citaram problemas de comunicação, que a imprensa sindical não consegue dialogar com alguns públicos. Para um jornalista ela é burocrática, com estrutura pequena. Outra diz que falta atualização e ser mais realista. Outro que falta investimento e profundidade.

O jornalismo como um todo no momento que a gente vive ele agoniza. Entre muitas coisas, o próprio medo do repórter de publicar determinadas matérias, se formou um contraponto de direita muito forte no Brasil, bastante agressivo, eles foram bastante eficientes nesse processo. Fora isso, obviamente quem patrocina os grandes jornais, quem financia os grandes jornais, está do lado oposto ao nosso. O jornalismo cada vez mais vem minguando e aliado há tudo isso você tem as redes sociais. As pessoas hoje confiam mais naquilo que elas recebem via rede social, via WhatsApp ou publicações do Facebook, do que aquilo que foi publicado nos grandes veículos ou nos meios veículos, naqueles que faziam o contraponto. (Pedro, informação verbal¹⁶)

Quando questionados como os jornalistas viam o futuro do jornalismo sindical, seis dos sete entrevistados deram respostas negativas, de que o futuro não é bom. Dois jornalistas acreditavam que o governo de Jair Bolsonaro prejudicaria os sindicatos e, conseqüentemente, a comunicação produzida por essas entidades. Outros dois afirmaram que, devido às mudanças que vem ocorrendo na estrutura dos sindicatos após a reforma trabalhista, o jornalismo sindical também será prejudicado.

Acho que prevalecerá ainda o amadorismo, prevalecerá ainda a falta de investimento, prevalecerá ainda profissionais bastante limitados ocupando os cargos. Então eu não vejo com bons olhos. Espero estar completamente equivocado, mas eu não vejo com bons olhos. (Pedro, informação verbal¹⁷)

Pensar a comunicação sindical, para daí pensar o que vai ser a vida do jornalista sindical. Eu entendo que, com esse lance do tipo do ao vivo, do celular, da selfie, do eu me comunico com a minha base, eu gravo um vídeo e mando e tal. A gente está praticamente extinto

né? Se a gente for nessa linha, de não passarem a valorizar a técnica e tudo mais, eu acho que não tem muito futuro não. (Cristiano, informação verbal¹⁸)

Como se pode notar nas respostas anteriores, os jornalistas estão pessimistas em relação ao futuro do jornalismo sindical. Um deles acredita que tudo continuará como é hoje; outro considera que está condenado, assim como o movimento sindical. Mas, contrariando os colegas, um deles acredita que, enquanto houver profissionais capacitados e comprometidos, haverá esperança.

Considerações finais

Na busca pela compreensão de como se configura atualmente o trabalho do jornalista sindical, buscamos entender como é, por meio da história, a trajetória profissional dos jornalistas entrevistados, a motivação pelo jornalismo e o ingresso na carreira. Em seguida, começamos a desenhar o trabalho no meio sindical, por meio do ingresso na carreira, do regime de contratação, das rotinas de trabalho, das principais dificuldades encontradas no dia-a-dia de trabalho e, na visão deles, o que leva as pessoas a optarem por trabalhar com jornalismo sindical diante das constantes transformações no mundo de trabalho. Também buscamos captar a visão desses profissionais em relação ao jornalismo e como eles veem o futuro do jornalismo sindical.

As mudanças que ocorrem no mundo do trabalho, sobretudo entre jornalistas que atuam na grande mídia, como o enxugamento das redações, a polivalência, o exercício de diversas funções, a falta de tempo para o jornalismo investigativo, o trabalho precário, é uma realidade também para os jornalistas que atuam no meio sindical. Seis dos sete entrevistados trabalham sozinhos no departamento de comunicação de suas entidades sindicais, apenas um possui colegas para divisão do trabalho. Todos são multifuncionais: escrevem, alimentam as redes sociais, realizam registros fotográficos e, em alguns casos, diagramam os materiais produzidos. O problema de comunicação com os dirigentes sindicais e a reforma trabalhista foram pontos em comum na fala dos profissionais, que têm medo das mudanças nas estruturais que poderão acontecer.

¹⁶ Entrevista IV, concedida em fevereiro de 2019.

¹⁷ Entrevista IV, concedida em fevereiro de 2019.

¹⁸ Entrevista II concedida em fevereiro de 2019.

Mesmo com uma amostragem pequena, consideramos que as falas apresentadas pelos jornalistas foram importantes para o entendimento e a compreensão do jornalismo e do jornalista sindical na atualidade, sobretudo na cidade de São Paulo e no Grande ABC. O futuro do jornalismo sindical para estes profissionais não é otimista, não só pelas mudanças no mundo do trabalho e reforma trabalhista, mas também pela eleição do presidente Jair Bolsonaro no final de 2018, um governo claramente de direita e contrário ao sindicalismo.

Um bom exemplo talvez esteja nos sindicatos estadunidenses.

No livro *New Media Unions: Organizing Digital Journalists* (2020), os pesquisadores Nicole Cohen e Greig de Peuter (2020) documentam, por meio de depoimentos de jornalistas, a entrada dos trabalhadores da mídia digital para o movimento sindical. Segundo a publicação, mais de sessenta redações se sindicalizaram desde 2015, dos portais *BuzzFeed* ao *Los Angeles Times*. “O que começou como um flash de organização pelos jornalistas iniciantes em digital tornou-se um movimento completo para sindicalizar o jornalismo, principalmente nos Estados Unidos”¹⁹. No livro, os autores concluem que, para que o jornalismo tenha futuro, deve ter organização, não apenas no trabalho, mas também no próprio modo de fazer jornalismo, tornando-o acessível e inclusivo.

Nesse cenário, os maiores sindicatos de jornalistas dos Estados Unidos não pensam diferente. Um artigo publicado em maio de 2020 no jornal *The New York Times*²⁰ também destacou mudanças nos sindicatos, mas com foco para uma nova geração de ativistas sindicais que está “transformando a cultura das redações”. Segundo a reportagem, durante a crise do coronavírus, o maior sindicato de jornalistas do país, o *NewsGuild*, fundado nos anos 1930, rompeu uma tradição de setenta anos e pediu dinheiro ao governo, por meio de “financiamento público para o jornalismo”, sob o argumento de que “qualquer desconforto ético ou debate filosófico precisa ficar em segundo plano agora para garantir o emprego dos membros, dadas as forças que ameaçam destruir o jornalismo” (tradução nossa).

Tal mudança começou a se configurar a partir de 2015 quando, ainda segundo o artigo, houve uma reorganização da mídia e dos jornais locais e alternativos, trazendo uma nova geração de ativistas, com uma visão moldada

pelo momento político progressivo e pelas mídias sociais. Essa mudança estimulou os dirigentes veteranos e revigorou os sindicatos: os jornalistas começaram a se verem como “trabalhadores”, ao invés de “profissionais”. Também passaram a pensar questões de raça e gênero, questionando o ponto de vista branco e masculino adotado até então. Desse modo, o *NewsGuild*, ao lado do *Writers Guild of America*, os dois maiores sindicatos de jornalistas, e até então rivais, organizaram juntos mais de noventa redações desde 2015, trazendo avanços – e também muitas críticas –, que merecem ser discutidas em outro artigo. Assim, conclui-se que há apontamentos e caminhos para um trabalho mais amplo que pode ser desenvolvido para analisar esse período de transição que estamos atravessando, e entender o que acontecerá com o meio sindical e com o jornalismo dessas entidades nos próximos anos.

Referências

- ARAÚJO, V. C., 2009. *O jornalismo de informação sindical: atores e práticas de uma de produção jornalística*. Porto Alegre: UFRGS, 224 p.
- ASSIS, E.; CAMASÃO, L.; SILVA, M.; CRISTOFOLETTI, R., 2017. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. *Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*. Vol. 4, no 1, 2017, p.3 a 20.
- CARVALHO, G. 2013. Muito além do jornal: a nova imprensa sindical. *Estudos em jornalismo e mídia*, v.10, p.256-273.
- BRONOSKY, M. 2017. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. *Pauta Geral – Estudos em jornalismo*. Vol. 4, no 1, p.21 a 29.
- CASAQUI, V. 2017. Ser contemporâneo a partir do campo da comunicação: o olhar dissociado para os discursos sociais de nosso tempo. In *1º Congresso Nacional de Estudos Comunicacionais da PUC Minas*. Anais...Poços de Caldas, p. 43 a 55.
- DEUZE, M.; WITSCHGE, T., 2015. *Além do jornalismo*. Leituras do Jornalismo. N.4, v.1.
- FERREIRA, Maria Nazareth, 1988. *A imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática.
- FONSECA, V. P. da. 2006. Capitalismo e novas tecnologias na indústria de notícias. *Líbero*, ano IX, n 18, p. 49 a 61.

¹⁹ Disponível em <https://culturalworkersorganize.org/new-media-unions-organizing-digital-journalists/> Acesso em 04 de jun de 2020.

²⁰ Disponível em <https://www.nytimes.com/2020/05/03/business/media/coronavirus-union-newsrooms.html> Acesso em 04 de jun de 2020.

- FIGARO, R.; NONATO, C. 2017. Novos arranjos econômicos” alternativos para a produção jornalística. *Revista Contemporânea | comunicação cultura* – v.15 – n.01 – jan-abr– p. 47-63.
- GIANNOTTI, Vito. 1998. *O que é jornalismo sindical*. São Paulo: Brasiliense.
- GIL, Antonio Carlos. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social* - 6. ed. - São Paulo: Atlas.
- HILSENBECK FILHO, A.M; MACIEL, D.E.F; OLIVEIRA, T.B. 2016. Jornalismo por projetos? Cidadania, engajamento e novos modelos produtivos nas redes digitais. *Revista Contemporânea | Comunicação e Cultura* – v.14 – n.01 – jan-abr – p. 72-88.
- MEDINA, C. de A. 1995. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo: Ática.
- MIANI, R. A. 2010. Imprensa sindical: conquistas, impasses e desafios no contexto da disputa pela hegemonia. *IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Anais do Londrina (PR), p.142 a 151.
- MICK, J. 2015. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. *Revista Pauta Geral – Estudos em jornalismo*. Ponta Grossa, vol.2, n.1, p.15-37.
- PEREIRA, F.H. ; ADGHIRNI, Z.L. 2011. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38 a 57.
- PERUZZO, Cicília M. Krohling. 2009. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. *ECO-Pós*, Brasília, v.12, n.2, p.46-61.
- RIBEIRO, A.T.; OLIVEIRA, H. M. G. 2015. Imprensa sindical: contribuições para a pluralidade de vozes na esfera pública. *XX Conferência de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã*. Anais da.....UNESP. Bauru, p. 1 a 13.
- VIEIRA, T. A. S. 1996. *Comunicação sindical*. Canoas: Ulbra.
- WALTZ, I. 2015. O “jornalista sentado” e condições de produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. *Revista Leituras do Jornalismo*. Ano 02 volume 02. Número 04. Julho-Dezembro.